

A hora do Brucutu

Gilberto Souza
Gomes Job *

É fácil constatar, numa leitura rápida dos jornais, a movimentação das forças que pretendem dificultar ao futuro presidente a reordenação da economia e a conseqüente reorganização do país. Todos estão de acordo em que se inicie a reforma, mas pela casa dos outros.

Assim, ficamos sabendo que o Senado Federal acaba de aprovar um decreto legislativo fixando os vencimentos dos ministros dos tribunais superiores num valor equivalente a US\$ 13 mil mensais. Quem leu os jornais que eu li soube também que o movimento *Ação da Igreja contra a pobreza* assessorou suas baterias contra a primeira-ministra Margaret Thatcher, porque ela pretendia aposentar-se do cargo com o salário de US\$ 3.500 mensais... Isto na Inglaterra; é claro.

Esta medida não se extingue em si mesma, pois terá reflexos nas despesas com pessoal dos três poderes, hoje interligados pela brasileiríssima conceituação de "isonomia", que faz com que um funcionário de uma estatal ou de uma repartição pública possa pleitear o salário mais alto pago ao seu "isonômico" em outras instituições congêneres. Assim, o presidente Collor receberá o governo com esta despesa ultrapassando os 100% da receita disponível do Tesouro Nacional, ou seja, no vermelho.

Já o presidente Sarney oferece sua contrabuição, editando uma medida provisória que o libera das diretrizes orçamentárias votada pelo Congresso e abre caminho para que ele gaste à vontade, nos últimos 30 dias que lhe restam no Palácio do Planalto. Por falar em Sarney, os jornais também noticiaram que ele mandou reformar o Convento das Mercês, no Maranhão, ao custo de US\$ 2,5 milhões, pagos pelos cofres públicos, a fim de utilizá-lo como uma espécie de museu destinado a preservar a memória do seu governo (mas preservar o que, *cara pálida*?). Enquanto isto, o Arquivo Nacional, localizado no Rio de Janeiro, no Campo de Santana, e que abriga todos os documentos oficiais, desde o Brasil Colônia, está literalmente jogado às traças, sofrendo de amnésia orçamentária.

No setor dos cartórios privados, tomamos conhecimento de que o deputado Luiz Henrique (PMDB-SC) está apresentando um projeto de lei que taxa em 200% a importação de programas para microcomputadores. Não sabemos se ele foi buscar inspiração na Alemanha nazista de Goebbels, que odiava a cultura, ou se simplesmente quer deixar um presente de fim de mandato aos lobistas da informática. Ainda nesta área, noticiou-se que o Conselho de Política Aduaneira vai aumentar de 65% para 130% a alíquota para a importação de produtos relacionados com a indústria de química fina, um entre os muitos cartórios criados sob a bandeira do *nacionalismo*, que, no dizer do deputado Cesar Maia, tanto pode proteger uma jujuba quanto uma máquina

Passando às corporações estatais, depa-ramo-nos logo com a notícia de que o Banco do Brasil Investimentos vai assumir o controle da estatal COBRA-COMPUTADORES BRASILEIROS S.A., empresa que desde a sua fundação vem acumulando prejuízos crescentes, necessitando, hoje, para sua recuperação, de uma injeção de 1 bilhão de cruzados novos (50 milhões de dólares) o que daria para construir umas 15 mil casas populares para os nossos sofridos "sem-teto". Pode ser que o objetivo dos funcionários do BBI seja o de salvá-la da privatização que o presidente Collor promete, como remédio para todas as estatais deficitárias. Um caso de esprit des corps, talvez...

Já que falamos em privatização, torna-se urgente mostrar aos dirigentes da CUIT os jornais e revistas que noticiaram a derrubada do muro de Berlim e o desmantelamento da cortina de ferro. Depois que eles souberem que os países do Leste europeu estão também buscando um caminho que conduza suas arruinadas estatais para uma solução de mercado, certamente concordarão em apoiar Collor nessa empreitada. Aliás, basta uma vista d'olhos no estado em que se encontra a maioria das nossas estatais para avaliar o desespero daqueles países:

Sou representante de uma geração de brasileiros que assistiu, impotente, à implantação, no Brasil, de um dirigismo estatal auto-suficiente, por homens que se diziam anticomunistas. Eu mesmo fui forçado a vender uma próspera indústria, na área de informática, cujo único crime era possuir um sócio minoritário americano. Foi nesse regime que não admitia discutir suas decisões, que se viu irromper, tão logo afrouxaram-se os controles, a mais atrevida corrupção. Bastou para isso que se sucedessem dois governantes fracos e desorientados. Essa deterioração atingiu União, estados e municípios, contagiando Executivo, Legislativo e Judiciário. Dê origem ainda ao corporativismo cartorial que, no dizer do professor Hêlio Jaguaribe (*Alternativas do Brasil*), "consiste na aquisição tanto de *jure* quanto de *facto*, por grupos controladores de determinados setores produtivos, ou de serviços essenciais, de prerrogativas e imunidades que lhes permitem formas abusivas de imposição dos seus interesses sobre o respectivo setor e sobre o conjunto da sociedade".

Minha geração, que nasceu lá pelos idos de 30, foi frustrada na sua ambição natural de dirigir nosso país, quando chegasse a nossa vez. Os velhos tenentes de 30 cortaram-nos a frente, ao retomarem o poder em 1964. O preço que nos cobraram, esses já então velhos generais, para afastarem a ameaça do caos populista que pesava sobre o país, foi a castração política de uma geração, impedida de desenvolver todas as suas potencialidades. Também no que tange ao aspecto material, foi pesada a fatura que nos apresentaram através das centenas de empresas estatais que nos legaram, fruto de sua formação profissional dirigista e centralizadora, adequada ao comando da tropa, mas incompatível com a direção de uma economia moderna. A falta de renovação dos quadros dirigentes acabou por nos jogar de volta aos braços dos velhos e corrompidos políticos dos quais pretendíamos nos ver livres... Talvez porque não fossem os fuzis as armas mais adequadas para enfrentá-los(?).

Brucutu, o velho e incorruptível herói dos quadrinhos que liamos em criança, utilizava, como argumento de sucesso contra seus inimigos, um enorme porrete, um porretaço. Penso que é isso que todo esse povo sofrido gostaria de propor ao jovem político que irá nos governar, a partir de 15 de março: Porrete neles, presidente!